

# “Esqueça tudo que você ouviu sobre a África”: uma breve análise de *Aya de Yopougon*, de Marguerite About

---

## "Forget everything you heard about Africa": a brief analysis of *Aya de Yopougon*, by Marguerite About

Suzy Loren de Azevedo Cerqueira\*  
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

Débora Cristina de Araujo\*  
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

518

---

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar os resultados de um estudo de cunho bibliográfico que buscou investigar, nos seis volumes da obra literária quadrinizada *Aya de Yopougon*, da marfinense Marguerite About, possíveis contribuições para a formação de leitores/as no Brasil. Com ilustrações de Clément Oubrerie, essa obra tem como principal característica apresentar, por meio das aventuras de sua protagonista Aya e suas amigas, diversos aspectos da sociedade marfinense e sua dinâmica cotidiana, contribuindo para a superação de estereótipos relacionados à pobreza e miséria acerca do continente africano. Os resultados obtidos indicaram que a obra contribui para o sobrepujamento de concepções reducionistas e racistas acerca, principalmente, dos comportamentos sociais das mulheres, das interações sociais e da expectativa de acessar a cultura do colonizador. Ao final, apresentamos uma Proposta de Catálogo Referencial que consiste em sinopse, possibilidades de mediação e indicação de referencial teórico para futuras pesquisas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aya de Yopougon; África; Literatura quadrinizada; HQ.

---

\* Graduada em Licenciatura Dupla em Letras - Português e Francês pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

\* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

**ABSTRACT:** The aim of this article is to present the results of a bibliographical study, which sought to investigate, in the six volumes of the graphic novel *Aya de Yopougon*, by Ivorian Marguerite Abouet, possible contributions to develop and engage readers in Brazil. With illustrations by Clément Oubrerie, these books's main characteristic is to present, through the adventures of their protagonist Aya and her friends, various aspects of the Ivorian society and its regular dynamics, contributing to overcome stereotypes related to extreme poverty and terrible life conditions frequently linked to the African continent. The results indicated that the work contributes to the overcoming of reductionist and racist conceptions about, mainly, the social behaviors of women, of the social interactions and the expectation of accessing the culture of the colonizer. By the end, we present a Referential Catalog Proposal consisting of synopsis, possibilities of mediation and indication of theoretical reference for future research.

**KEYWORDS:** *Aya de Yopougon*; Africa; Graphic Novel; Comics.

## Introdução

Desde a famosa conferência proferida por Chimamanda Ngozi Adichie (2009) intitulada “O perigo de uma história única”, é possível nutrirmos a expectativa de que, ao menos no campo literário, algumas representações cristalizadas e reducionistas acerca do continente africano venham sendo questionadas. No entanto, ainda há muito trabalho a ser feito no que se refere à formação de leitores e leitoras no contexto brasileiro num sentido mais amplo, principalmente em fomentar o acesso a produções literárias que ressaltem uma das maiores características desse continente: sua pluralidade cultural e histórica. Foi com tal interesse que neste artigo apresentamos os resultados de um estudo que buscou investigar, nos seis volumes da obra literária quadrinizada *Aya de Yopougon*, da marfinense Marguerite Abouet, possíveis contribuições para a formação de leitores/as no Brasil. Esse objetivo foi possível não somente por se tratar de um romance gráfico produzido por uma autora africana - pois isso não garante, necessariamente, o combate ao racismo no

Brasil (CUTI, 2010, p. 36)<sup>1</sup> - mas, principalmente, pelas características que marcam a produção de Abouet. Na capa do primeiro volume da obra é feito um convite: “esqueça tudo que você ouviu sobre a África. Este livro vai lhe dar outra visão”. Então, ao citarmos Adichie no início deste texto, intentamos provocar, a partir de *Aya de Yopougon*, a discussão sobre a importância do contato com muitas histórias já que “histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” (ADICHIE, 2009). Acrescenta-se o fato de que a obra aqui em análise é uma produção originariamente em língua francesa, cujo enredo provém de um país localizado no continente onde há mais falantes desse idioma do que na própria França, segundo dados da Organização Internacional da Francofonia<sup>2</sup>. Portanto, é pertinente refletir sobre a importância de tal obra, ainda mais porque o primeiro volume foi ganhador do prêmio *Angoulême*<sup>3</sup> em 2006.

Neste estudo, consideramos a obra analisada como uma produção literária. Ainda que com características predominantemente de imagens em quadros, muito mais ligadas à produção cinematográfica, a trama desenvolvida em *Aya de Yopougon* possui elos narrativos complexos, tal como a produção literária convencional. Nas palavras de Umberto Eco (1979, p. 146), a HQ “realiza uma espécie de continuidade ideal através de uma fatural descontinuidade. A história em quadrinhos quebra o *continuum* em poucos elementos essenciais. O leitor,

---

<sup>1</sup> Em análise do racismo literário no Brasil, assim discute o autor ao caracterizar as diferenças entre a literatura negro-brasileira e a literatura africana: “Atrelar a literatura negro-brasileira à literatura africana teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. A literatura africana não combate o racismo brasileiro. E não se assume como negra. Ainda, a continentalização africana da literatura é um processo desigual se compararmos com outros continentes. Países com a sua singularidade estético-literária são colocados sob um mesmo rótulo. A diversidade africana mais uma vez é negada. Como em um navio tombado literário são misturadas as literaturas para venda em outras partes do mundo. Essa negação das singularidades nacionais enfatiza ainda a dominação global, com roupage de um novo tráfico, agora de livros” (CUTI, 2010, p. 36).

<sup>2</sup> <http://observatoire.francophonie.org/qui-parle-francais-dans-le-monde/>. Acesso em: 27/10/2019.

<sup>3</sup> O Festival Internacional Angoulême de quadrinhos é o maior festival europeu do gênero. É realizado anualmente na França desde 1974.

a seguir, solda esses momentos na imaginação e os vê como *continuum*”. Essa “solda” que o/a leitor/a deve fazer com sua imaginação, torna-o participante na produção dos sentidos da narrativa.

E considerando as características do romance gráfico (ou, como aqui trataremos por vezes: literatura quadrinizada) que se diferenciam dos textos não quadrinizados, ressaltamos as potencialidades dessa obra em oferecer um diálogo mais aproximado com o público leitor, haja vista a adesão das Histórias em Quadrinhos (HQ) nos hábitos de leitura das pessoas. Concordamos com Maria de Fátima H. Campos, Gledson de Jesus Silva e Alan S. Santos (2015, p. 26) sobre a afirmação de que os/as leitores/as podem, por meio das representações das HQ, identificarem-se “com símbolos, atos ou objetos, relacioná-los a práticas individuais ou coletivas que fornecem uma organização conceitual ao mundo social, construindo, assim, a sua realidade apreendida e comunicada”. Mas também reconhecemos na produção de Abouet um locus privilegiado de ampliação dos horizontes de expectativas de leitores/as em formação por apresentar um contexto geográfico, cultural, estético e histórico tão diferente do Brasil, mas, ao mesmo tempo, tão aproximado de sua constituição como país. Essa potencialidade pode favorecer outros significados: “Para além da identificação dos leitores como os personagens, a criação e difusão das HQ podem levantar questões sobre o sentido das representações e como e por que alguns significados envolvem relações de poder” (CAMPOS; SILVA; SANTOS, 2015, p. 26).

A partir dessas considerações acerca de *Aya de Yopougon*, reunimos neste texto os resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada na Universidade Federal do Espírito Santo vinculada ao Projeto de Pesquisa “A diversidade étnico-racial nas bibliotecas escolares: um olhar sobre estereótipos e representações positivas”<sup>4</sup>, cujo objetivo é mapear obras literárias com

---

<sup>4</sup> Este projeto de pesquisa está ligado ao Grupo de Pesquisa do DGP/CNPq “LitERÊtura - Grupo de estudos e pesquisas em diversidade étnico-racial, literatura infantil e demais produtos culturais para as infâncias”, cuja característica é de desenvolver pesquisas e divulgar produções

personagens negras protagonistas nas bibliotecas de escolas da educação básica da Grande Vitória, a fim de traçar estratégias para o trabalho de mediação da leitura. Analisar a obra de Abouet vinculada a tal projeto é, também, investigar nuances dessa produção no Brasil, já que apenas três volumes da obra foram traduzidos para o português e somente o volume 1 (ABOJET, 2005) compôs o acervo distribuído para as bibliotecas de escolas de Educação de Jovens e Adultos por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola (2012)<sup>5</sup>.

Na primeira parte deste artigo discutiremos brevemente alguns aspectos da teoria sobre literatura quadrinizada encontrada e os caminhos metodológicos. Na sequência apresentaremos a análise empreendida e, com a proposta de fornecer subsídios à leitura desse subgênero, proporemos, ao final, um breve catálogo referencial dos estudos mapeados com indicativos de sinopse, possibilidades de mediação de leitura e indicação de referências teóricas.

### A busca por referenciais teóricos

522

O mundo dos quadrinhos é conhecido principalmente pela recorrência da figura de heróis ou por aventuras fantásticas. No entanto, a nona arte está para além disso: dentro do universo literário quadrinizado há subgêneros, como é o caso do romance gráfico. Sua principal diferença em relação a outros tipos de História em Quadrinhos (HQ) é que, apesar de poder optar por uma saga de heróis, prefere não o fazer. Gilles Ciment, em entrevista à Angoulême em julho de 2011<sup>6</sup> e transcrita por Fred Sargologos (2011, p. 155), reflete sobre essa

---

literárias endereçadas à criança e ao jovem a partir de perspectivas acadêmicas, sociais e culturais que tematizam a diversidade étnico-racial. Além da literatura infantil, o grupo tem especial interesse sobre outros produtos e produtos culturais para a infância e seus atravessamentos de gênero, idade e perfil étnico-racial.

<sup>5</sup> A relação completa das obras por acervo está disponível em: <https://www.fnede.gov.br/index.php/centrais-de-conteudos/publicacoes/category/174-biblioteca-da-escola?download=6549:pnbe-2012-obras-selecionadas&start=3>. Acesso em 27/10/2019.

<sup>6</sup> <https://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/56772-le-roman-graphique-une-bande-dessinee-prescriptrice-de-legitimation-culturelle.pdf>

opção essa característica do romance gráfico como sendo uma produção com “maior liberdade de inspiração, [...] algo que é um pouco mais literário”<sup>7</sup>. E o próprio Sargologos acrescenta que a narrativa mais complexa e mais longa em cada volume incide nas principais diferenças desse subgênero em relação às convencionais HQ. Além de arte literária, os quadrinhos, de acordo com Moacyr Cirne (1982), existem como práticas artísticas significantes, como campos de resistência política e cultural. A autoria e ilustração da HQ torna-se, então, decisiva pois a prática estética dos quadrinhos ocorre conscientemente, visando uma prática social determinada (CIRNE, 1982, p. 23).

Para Júlio Martins (2012) os discursos homogeneizantes relacionados ao continente africano, como as tragédias associadas a este continente ao longo de anos e, conseqüentemente, calcificadas no senso comum, são assustadoras, tanto pelo seu caráter ficcional, quanto pelas calamidades estabelecidas. Tal situação, decorrente de um processo de colonização, vem alimentando por séculos preconceitos fundamentados na falta de conhecimento sobre o continente africano, pois ignoram todas as suas formas de diversidade e o consideram um “país” uniforme.

A respeito de discursos outros, Martins (2012) afirma que apesar de os quadrinhos ainda serem pouco utilizados para fins de análises históricas, possuem a capacidade de construir novas narrativas através de imagens e de textos escritos, além de propiciar rupturas de discursos discriminatórios (re)produzidos precipitadamente, discursos estes que a obra de seis tomos da marfinense Marguerite Abouet e ilustradas por Clément Oubrerie rebatem. *Aya de Yopougon* diferencia-se das representações típicas de pessoas escravizadas, imagem retratada de maneira naturalizada e sempre a partir do ponto de vista eurocêntrico.

---

<sup>7</sup> No contexto original, assim afirma o Ciment a Sargologos: “[...] sans doute une plus grande liberté d’inspiration, on est dans un souffle de roman, quelque chose qui est un peu plus littéraire”.

A investigação aqui apresentada fez uso da análise bibliográfica e qualitativa, a fim de buscar elementos na obra *Aya de Yopougon* que denotem a superação de valores eurocêntricos e racializadores, além de imagens cristalizadas sobre o continente africano (como estereótipos na constituição das personagens). A análise bibliográfica teve início com a leitura de um banco de dados cedido pelo professor do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-brasileiros da UFMA, Márcio dos Santos Rodrigues, e pesquisador de HQ como fonte para o ensino e pesquisa de História<sup>8</sup>. Tal banco de dados, salvo em uma pasta virtual do *Google Drive*, é composto por trabalhos de conclusão de curso, dissertações e principalmente artigos de periódicos. Os textos forneceram as primeiras interpretações acerca do campo das HQ, sobretudo no sentido de reconhecermos as diferenças estéticas entre o universo dos heróis dos quadrinhos e das personagens da obra investigada. Diante disso, empreendemos busca em duas plataformas virtuais: o Banco de Teses e Dissertações da Capes e o Google Acadêmico, incluindo produções em língua francesa. Utilizamos os seguintes descritores: *Aya de Yopougon*; literatura em quadrinhos; romance gráfico; *bande dessinée africaine*. Além disso, geramos alerta<sup>9</sup> no Google Acadêmico utilizando as mesmas palavras-chave das buscas a fim de filtrar melhor os textos obtidos como resultado da pesquisa a serem revisados.

As buscas geraram em torno de 35 resultados dos quais dispensamos 14, pois percebemos, sem demora, que não estavam dentro do nosso campo de pesquisa, uma vez que tratavam exclusivamente do ambiente *Marvel Comics*. Dentre os 21 textos remanescentes, verificamos, após a leitura, que apesar de não predominarem investigações sobre temas heroicos, ainda assim 15 deles não colaborariam para o nosso estudo e foram descartados, visto que alguns continham perspectivas equivocadas sobre pessoas negras, outros eram

---

<sup>8</sup> Agradecemos a valiosa contribuição de Márcio Rodrigues para o estudo aqui apresentado por indicar as primeiras referências teóricas que fundamentaram a investigação e por se manter em diálogo permanente acerca da pesquisa de IC de Suzy Loren de Azevedo Cerqueira.

<sup>9</sup> Trata-se de um comando acionado por meio do link <https://scholar.google.com.br/>, em que se ativa o levantamento de pesquisas que se relacionam à(s) palavra(s)-chave buscada(s). Assim o Google Acadêmico envia para o e-mail cadastrado todas as publicações recentes sobre tal busca.

lacônicos e uns poucos faziam estudos somente sobre charges. Aproveitamos, então, 6 textos para o presente trabalho, os quais serão explorados nas seções seguintes.

## Olhares sobre Yopougon

O foco de investigação neste estudo relaciona-se a várias personagens que participam do núcleo de Aya, ao longo da obra. Assim, o que será apresentado aqui são passagens presentes em diversos momentos da trajetória dessa personagem e de outras consideradas como relevantes como: a homoafetividade entre Albert e Innocent (conhecido como Michael Jackson), as dinâmicas sociais das mulheres africanas; a tensão entre a linguagem local e a do colonizador; e aspectos socioeconômicos e culturais da Costa do Marfim, expressos nas atitudes empreendedoras de algumas personagens como Innocent e na figura do empresário Sissoko. Faremos, antes, uma breve contextualização da obra para melhor compreensão dos trechos selecionados.

525

*Aya de Yopougon* é um romance gráfico que se passa na Costa do Marfim se inicia no final dos anos 1970. Na narrativa de Marguerite Abouet, as protagonistas Aya, Adjoua e Bintou moram em Yopougon, em Abidjan, na época (1978) capital do país, chamado por seus habitantes de “*Yop City*”. Aya é uma jovem de 19 anos que preza por seus estudos e sonha em ser médica. É vista por sua família e amigos como a mais inteligente e sábia em toda Abidjan. Seu pai, Ignace, trabalha na conceituada Solibra - empresa de bebidas e motivo de orgulho nacional por ser (re)conhecida em toda a África Ocidental (ABOJET, 2005, p. 1). Sua mãe, Fanta, é assistente de direção da empresa Singer e curandeira nos momentos livres. Diferente de Aya, Adjoua e Bintou são grandes festeiras, despreocupadas com estudos e futuro profissional. Preferem dançar em maquis<sup>10</sup> como no *Ça va chauffer* e no *Sécouez-vous* e, por vezes, terminam

---

<sup>10</sup> De acordo com o léxico disponível no fim de cada um dos volumes, um maqui é um restaurante barato ao ar livre com grande espaço para dançar.

a noite acompanhadas na praça do mercado, também chamada de “hotel às mil estrelas”. Ao longo da trama, Adjoua tem um filho, torna-se dona de um *maquis*<sup>11</sup> e se casa com o pai de seu filho. Bintou, após algumas tentativas de encontrar um marido, torna-se conselheira amorosa em Yopougon.

Após essa breve contextualização retomaremos as categorias citadas anteriormente. A homoafetividade tratada na obra se dá exclusivamente entre as personagens Albert, irmão mais velho de Adjoua, e Innocent (Inno, para os amigos, ou “Michael Jackson”, em seu salão de beleza). Ainda que o envolvimento dos dois seja revelado somente no terceiro volume da obra, tal contexto realça o compromisso da autora com a superação de interpretações limitadas ou cristalizadas acerca de temas aparentemente raros em HQ sobre a África. A narrativa também extrapola abordagens veladas sobre homossexualidade - estratégia comum em produções que são acessadas pelo público juvenil, como é o caso do gênero HQ - ao propor o término do relacionamento de ambos por um motivo muito significativo: Innocent decide não querer mais esconder sua orientação sexual e nem seu caso com Albert. Por sua vez, Albert se nega a atender ao pedido de Innocent alegando situações culturais que o impediriam. E, novamente, o texto propõe uma ruptura no plano subjetivo para Innocent que, já tendo decidido morar em Paris, ratifica seus planos após a recusa de seu namorado em assumir o relacionamento ou irem embora juntos. Então, parte sozinho para *se chercher*<sup>12</sup> na capital francesa, mesmo sabendo que “[...] les ivoiriens n’avaient pas besoin d’aller chercher une vie meilleure en France ou dans un autre pays d’Europe.” (ABOUET, 2008,138)<sup>13</sup>. Ainda que desafiadora e reveladora dos limites culturais em Yopougon, essa situação foi extremamente importante para Innocent, inicialmente expresso, via ilustração, como uma pessoa privada de liberdade, recorrentemente retratado como alguém angustiado e/ou transtornado,

<sup>11</sup> Maquis é um restaurante de comida a bom preço onde há também espaço para dançar.

<sup>12</sup> Conhecer melhor a si mesmo e viver livre em suas escolhas.

<sup>13</sup> “[...] os marfinenses não tinham a necessidade de ir procurar uma vida melhor na França ou em um país da Europa”. Tradução livre

quando o assunto era seu relacionamento. Em contrapartida, em outro contexto cultural, mesmo que vivenciando situações difíceis e sendo vítima de homofobia, sua postura na trama foi alterada para uma personalidade determinada e feliz.

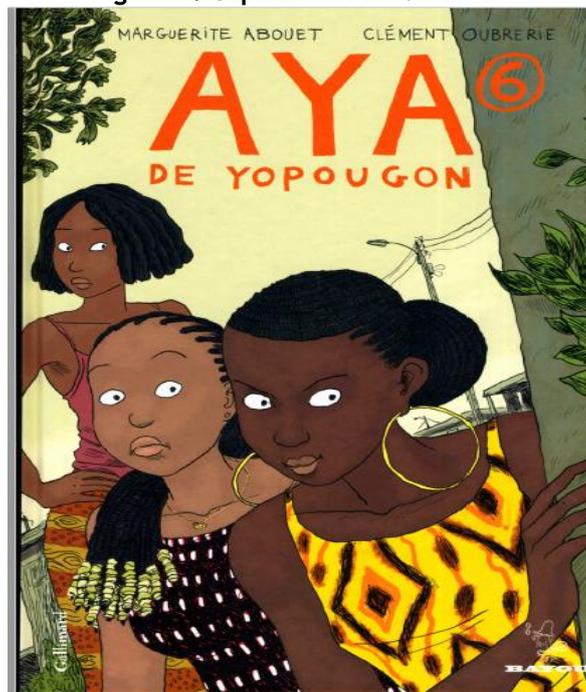
Na categoria proposta para análise sobre a condição da mulher, destacamos a relação entre as amigas Aya, Adjoua e Bintou. A maioria das situações que envolvem a protagonista Aya é relacionada ou provocada pelas outras amigas que, de formas diversas, produzem tensão sobre as caracterizações estereotipadas acerca das mulheres marfinenses, ao se mostrarem mulheres com percepções socioculturais díspares, incidindo em perspectivas plurais do comportamento social feminino. Um dos temas, por exemplo, é o casamento. Em análise dessa instituição (casamento) em contextos culturais africanos, Mariama Bâ (1979) a reconhece como sinônimo do grau mais alto de elevação social para a mulher e, por isso, tão cobiçado por algumas mulheres como Adjoua, que tem um filho no começo da trama (ABOUEY, 2006) e declaradamente não se importa em prevalecer na “série c”: cabelo, costura e caça marido<sup>14</sup>. Partimos da premissa de que estudar e buscar conhecimento podem ser atitudes capazes de desenvolver maior criticidade. Por outro lado, a destacada caracterização de Adjoua como uma mulher vaidosa e menos preocupada com a aquisição de instrução formal (por meio dos estudos) rompe com um modelo cristalizado sobre mulheres africanas que, recorrentemente, são representadas como subservientes à condição de miséria e à exploração sexual. Isso, no decorrer da narrativa, pode levar o público leitor - sobretudo no Ocidente - a um ponto de ruptura com a “história única” sobre as mulheres africanas (ADICHIE, 2009). Esses acontecimentos, sempre interligados, começam invariavelmente em um volume e terminam em outro, tornando, assim, cada volume da coleção dependente do anterior, ou seja, em cada volume da obra algumas histórias são iniciadas e outras terminadas. Mesmo

---

<sup>14</sup> Conforme mostrado em outros momentos de *Aya de Yopougon*, era comum entre as mulheres o interesse em perucas e penteados, ter sempre roupas bonitas, ser proprietária de uma butique ou salão de beleza ou, ainda, ter um marido rico o suficiente para suprir os desejos da esposa.

acontecendo várias situações em diferentes núcleos das personagens, é possível discernir a essência de cada livro devido ao recurso da “diminuição”. De acordo com Luís Cagnin (1975), tal mecanismo funciona como uma espécie de *trailer*, ou seja, diversos momentos da narrativa reduzidos em uma imagem responsável por exibir parte do que será apresentado no interior do exemplar, como acontece no sexto volume da coleção (Figura 1). Nesse livro, Aya, Bintou e Adjoua aparecem escondidas atrás de uma parede e seus olhos indicam que estão observando algo. Tal *trailer* indica que as três amigas vão concluir suas “missões” iniciadas e entrelaçadas em volumes anteriores.

Figura 1: Capa do livro - Volume 6



Fonte: Abouet (2010)

De acordo com Josilene Mariz e Débora Miranda (2017), os romances gráficos, como é o caso de *Aya de Yopougon*, tradicionalmente não possuem o mesmo prestígio quanto o romance não gráfico, principalmente por não serem apreciados por críticos literários. Esse gênero de literatura quadrinizada se difere dos demais HQ principalmente por não ser periódico, como o caso dos “gibis” no Brasil. Os seis volumes da obra aqui estudada foram lançados anualmente entre os anos de 2005 e 2010.

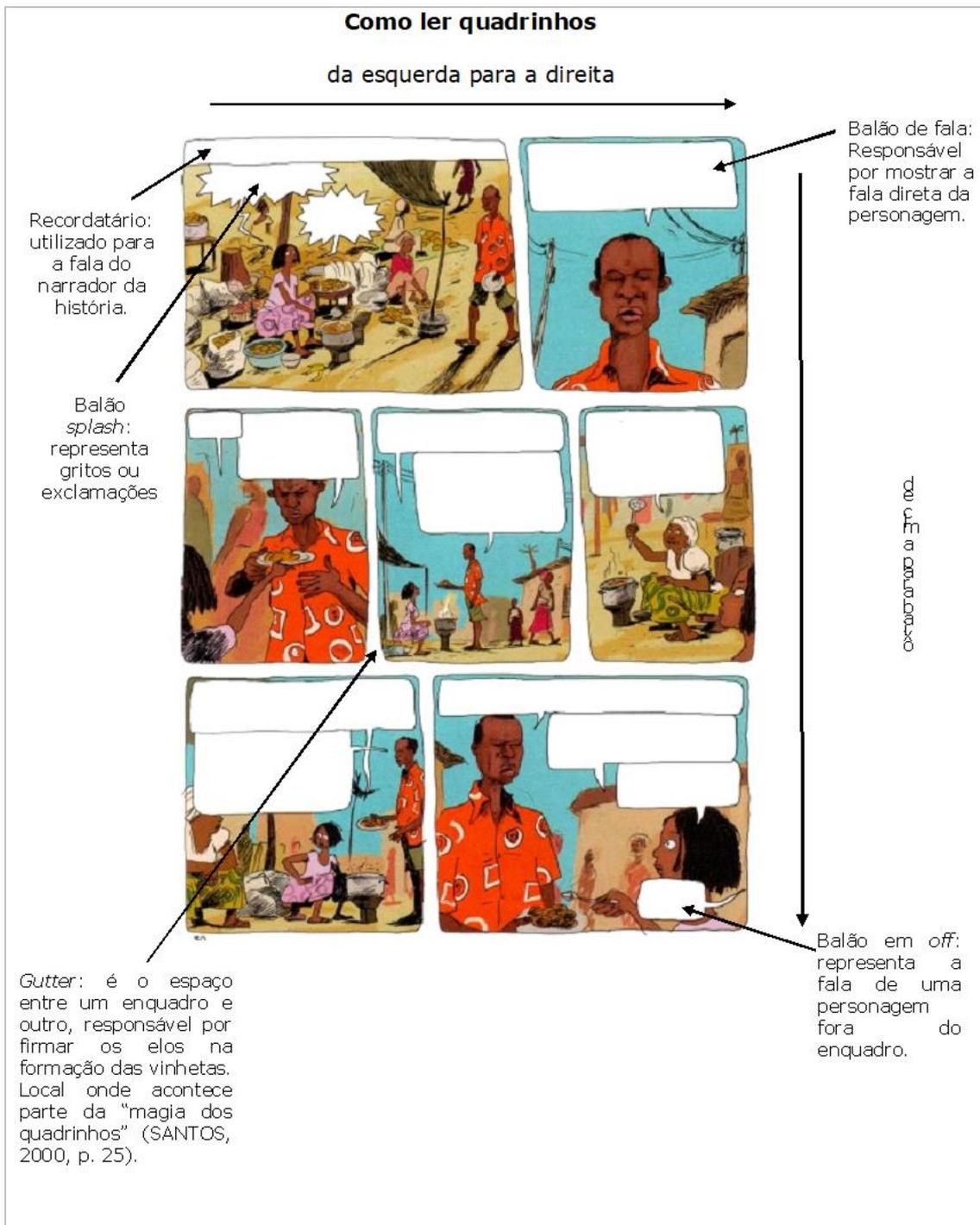
Considerada como nona arte e um produto cultural tão complexo, as HQ requerem que conheçamos elementos característicos principais que as estruturam. Roberto Santos (2002) destaca algumas das unidades iconográficas necessárias para uma eficiente compreensão e articulação dos recursos verbais e visuais utilizados para o encadeamento da narrativa sequencial. Reunimos os mais recorrentes no quadro a seguir de acordo com as informações de Santos (2002) e exemplificamos alguns deles na Figura 2.

Quadro 1: Elementos dos quadrinhos

Requadro	É onde se passam as cenas das HQ e pode ser usado como parte da linguagem não verbal. Se o enquadro mudar de formato, por exemplo, ele pode indicar uma lembrança, um <i>flashback</i> ou um plano futuro.
Balão	Além de indicar a fala das personagens, podem ter várias configurações exibindo emoções e sentimentos, como pode ser visto na Figura 2.
Recordatório	O recordatório é utilizado de costume para a fala do narrador na história, podendo ser utilizado para lembrar o que aconteceu no volume passado ou contextualizar o leitor após mudança de tempo ou espaço.
Onomatopeia	Representa ruídos dentro das HQ. Seu valor expressivo pode ser completado de acordo com o formato do balão em que está inserida.
Linha Cinética	Indica a movimentação de personagens e objetos, como um carro em alta velocidade, objetos atirados, entre outras possibilidades. Na obra analisada, a infrequência de linhas cinéticas mostra a calma da vida cotidiana de <i>Yop City</i> .

Fonte: Adaptado de Santos (2012, p. 20-24)

Figura 2: Como ler quadrinhos



Fonte: Suzy Loren de Azevedo Cerqueira (2019)

Ao elaborar uma “sintaxe quadrinhográfica”, Santos (2002, p. 20) destaca elementos constitutivos das HQ a fim de evidenciar a sequencialidade. Para ele

a sequencialidade é o aspecto mais marcante da narrativa quadrinhográfica pois:

‘A montagem da história em quadrinhos não tende a resolver uma série de enquadramentos imóveis num fluxo de contínuo, como no filme, mas realiza uma espécie de continuidade ideal através de uma fátua continuidade. A história em quadrinhos quebra o *continuum* em poucos elementos essenciais. O leitor, a seguir, solda esses momentos na imaginação e os vê como *continuum*’ (Eco, 1979, p. 147). Esta é a grande mágica por meio da qual a História em Quadrinhos apela para a imigração do público e ele, prontamente, vai estabelecendo os elos, preenchendo vazios, enxergando os momentos descartados entre uma vinheta e outra, com sua fantasia. (SANTOS, 2000, p. 25).

A interseccionada relação entre texto e imagem na formação das HQ é, para Cagnin (1975, p. 143), uma aliança; logo um não anula o outro e, dessa forma, “imagem e texto se completam [...]. O texto dissolve a polissemia da imagem, mas precisa dela para que seu significado se complete”. As obras literárias quadrinizadas são obras completas e, formam, conforme o autor, uma literatura apreciável por sua capacidade narrativa e sua influência como veículo de comunicação de massa (CAGNIN, 1975, p. 179). Considerar, então, a influência dessa comunicação de massa é importante devido à mensagem que está sendo transmitida. Por esse ângulo, Cirne (1982, p. 11) destaca que “não existem quadrinhos inocentes”: todos eles são dotados de ideologia implícita ou explícita a começar pela temática. O autor defende uma proposta política aplicada aos HQ, visto que “todo quadrinho existe como discurso artístico, articulado gráfico-narrativamente. Relacioná-lo com o discurso político significa compreender a relação arte/política em toda sua extensão social. Significa compreender a questão da linguagem - e sua politização” (CIRNE, 1982, p. 57).

Além da relação entre texto (ou não, no caso de quadrinhos “mudos”) e imagem, a sequencialidade das HQ formam diversos sintagmas narrativos, cada um ligado a uma personagem (CAGNIN, 1975, p. 150). Em *Aya de Yopougon*, por exemplo, há sempre uma situação inicial acompanhada de um revertério, que vai requerer a intervenção da protagonista Aya. Solicitada a ajudar alguém ou

a resolver alguma situação (além das suas próprias), a protagonista assume suas “missões” e vai em busca das soluções. Para isso, ela precisa passar por diversas situações que podem complicar as resoluções ou acarretar em “missão extra” e, dessa forma, os sintagmas narrativos se conectam, resultando na sequencialidade.

Outra categoria identificada na obra relaciona-se ao campo da linguagem. Em diversas passagens da coleção há uma tensão estabelecida entre o francês falado/escrito localmente e o francês da metrópole. Antes de exemplificar, cabe destacar como essa tensão é um conteúdo político a ser observado em produções africanas e antilhanas de língua francesa. Frantz Fanon (2008, p. 33) atribui considerável relevância à manifestação da linguagem, “uma vez que falar é existir absolutamente para o outro”. Além disso, para o autor a colonização produz um complexo de inferioridade à nação subjugada, sepultando sua cultura e, por consequência, redefinindo padrões de linguagem.

Esse tema aparece na obra em questão a começar pelo fato de que o protagonismo está na jovem Aya e em suas amigas Adjoua e Bintou. Devido às suas faixas etárias, localização geográfica e hábitos culturais, já há indicativos de que a linguagem da obra, em sua grande parte, passa longe de formalismos e do francês *standard*, correspondente à norma culta parisiense, ou, ainda como Fanon (2008, p. 34) prefere chamar: “francês metropolitano”. Ao mesmo tempo, o vocabulário marfinense dentro da língua francesa é valorizado, distanciando-se de uma lógica exotizante ou dialetal. Dessa forma, a identidade das personagens é expressa também nos seus modos de falar. No terceiro volume da obra, na ocasião do concurso local de *miss*, a protagonista ajuda suas amigas Adjoua e Bintou ensaiando possíveis perguntas e respostas. Dentre elas a sugestiva pergunta: “Qual é o país dos seus sonhos?”, e a resposta que as amigas pensam ser esperada pelos auditores do concurso é: França ou algum outro país francófono como o Canadá, escolhido por Bintou.

As personagens Adjoua e Bintou, como mostrado explicitamente em outros momentos da obra, não estudam mais e nem se interessam pelo assunto. No trecho escolhido (Figura 3), vemos a tentativa feita por Adjoua de pronunciar o problemático (e famoso) *r roulé*, marca do sotaque francês da metrópole. Nos enquadros do ilustrador Clémén Oubrierie tal tentativa é mostrada pela repetição da letra r nos balões de fala. Sem demora, Aya questiona a amiga o porquê do “chocobismo” (ver nota de rodapé 15) já que, embora o país dos sonhos de Adjoua seja a França, ela mora na Costa do Marfim. A resposta obtida por Aya é o desejo da amiga em se destacar das demais candidatas por parecer mais “sofisticada”, diminuindo, assim, a distância cultural entre Costa do Marfim e França através da língua.

Figura 3<sup>15</sup>: Conversa entre Aya, Adjoua e Bintou<sup>16</sup>



Fonte: Abouet (2007, p. 34)

<sup>15</sup> N.T.: *chocô*, dito por Aya vem de *chocobism*, é a expressão usada para designar a tentativa de falar como franceses da metrópole. Esta passagem foi simplificada pela presente tradução por não termos encontrado expressão equivalente para a produção de sentido da obra no português brasileiro.

<sup>16</sup> Tradução livre:

“Adjoua: Bem, como país dos meus sonhos: França.

Aya: Por que você está falando desse jeito Adjoua? O país dos seus sonhos pode ser a França, mas você ainda mora aqui. Então pare de falar desse jeito.

Adjoua: Aya, eu quero me destacar entre as garotas”.

O fato de enxergarem o país colonizador de formas diferentes mostra a diversidade dos modos de pensar de Aya e Adjoua. Essa marca é evidente no texto de Abouet: ao retratar as mulheres adultas, casadas ou solteiras, a autora revela a perspicácia, força e inteligência delas ao tomarem decisões em seus lares que atuam de modo assertivo nas escolhas nas suas comunidades.

Longe de modelos clichês e/ou racistas, as personagens dos seis tomos de *Aya de Yopougon* são ilustradas de forma singular, guardando sua identidade. Bintou, por exemplo, aparece ilustrada em sua maioria usando salto alto, cabelos adornados com contas sempre combinando com a cor de suas roupas, essas sempre coloridas e, por vezes, diferentes das meninas de seu entorno. Por essa razão Bintou ganha apelidos como *la go-choc*, *la go-qualité*, *la go-chocolat*<sup>17</sup>, entre outros.

A exemplo da Figura 3, as três personagens presentes na vinheta<sup>18</sup> possuem tons de pele diferentes, bem como estilos de vestimenta, adornos e jeitos de arrumar os cabelos de forma diversa. Da mesma maneira, as expressões das personagens mostram suas distintas maneiras de lidar com o que está se passando. Embora os balões de fala de Aya e Bintou possuam a mesma interrogação, suas expressões faciais mostram diferentes percepções da fala de Adjoua: enquanto a expressão facial de Aya denota surpresa, a de Bintou denota a forma semicômica da fala de Adjoua.

Por fim, ainda que menos realçada, reconhecemos outra categoria relacionada aos contextos socioeconômicos e culturais das personagens. Um exemplo é Michael Jackson (ou Innocent) que, diante de sua importância gradativa no enredo vai ganhando destaque ao longo da saga ocupando, inclusive, a capa do quarto volume de *Aya de Yopougon*. Ele tem um salão de cabeleireiro - onde se faz penteados como os da Dona Beija, personagem da telenovela brasileira

---

<sup>17</sup> Uma garota dinâmica, uma garota com boas qualidades, uma garota bem vestida e sempre bem arrumada.

<sup>18</sup> De acordo com Santos (2002), uma vinheta é o momento expresso por meio de uma ilustração.

Mulheres de Areia - e tenta diversas vezes viver um relacionamento livre com seu namorado Albert.

Chama a atenção, ainda, o empresário Sissoko, dono da cervejaria mais importante da Costa do Marfim e que se destaca por se preocupar demasiadamente com seus negócios. O primeiro volume de *Aya de Yopougon* começa na sala da casa de Aya, onde, junto com sua família, assistem a primeira propaganda publicitária televisionada<sup>19</sup>. Nela, o famoso humorista local da época, Dago, bebe a cerveja conhecida nacionalmente e fabricada pela empresa Solibra, e ganha forças para, com uma bicicleta, ultrapassar um ônibus. Solibra é uma empresa iniciada nos anos 1950 como um pequeno negócio e que foi crescendo até se tornar a maior produtora de bebidas da Costa do Marfim. Ainda que no decorrer da trama alguns obstáculos econômicos a atinjam, devido à chegada de uma empresa concorrente e a problemas de gestão, Solibra demonstra, na obra, a organização comercial de uma indústria composta e dirigida por marfinenses e que em *Aya de Yopougon* sobrevive sem o auxílio de outros países. Todas essas personagens reafirmam uma Costa do Marfim e, por extensão uma África, diversa e diferente de marcadores de estereotipados e/ou subalternizados.

### Considerações finais

A edição Diversidade, do Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE, no ano de 2012 incluiu o primeiro volume do romance gráfico marfinense de autoria de Marguerite Abouet e ilustrações de Clément Oubrerie, *Aya de Yopougon*, como indicação de leitura nas escolas públicas brasileiras. Infelizmente, só os três primeiros volumes foram traduzidos para o português brasileiro e mesmo essas traduções, do ponto de vista da sociolinguística, apresentaram problemas. De acordo com Marcos Bagno (2017), a tradução desta coleção tão “jovem”

<sup>19</sup> A propaganda exibida na obra realmente existe e pode ser assistida em: <https://www.youtube.com/watch?v=h3VTMTLfJuM>. Acesso em: 30/10/2019.

apresenta elementos de um português arcaico e distante da realidade brasileira, o que pode dificultar a apreciação da obra por jovens brasileiros e brasileiras, como o autor demonstra no seguinte excerto:

O efeito obtido na obra-fonte, porém, se perdeu quase por completo na tradução brasileira, na qual se modelou uma oralidade fingida inverossímil. Isso se deve, primordialmente, a uma subserviência irrefletida à norma-padrão tradicional, numa atitude que sacrifica a naturalidade e a espontaneidade das falas em favor da obediência a convenções gramaticais que, postas na boca das personagens do romance gráfico, soam de uma artificialidade a toda prova. São muitos os fatos linguísticos que poderíamos elencar para demonstrar essa inverossimilhança. Já mencionamos [...] a presença exclusiva, no texto, das formas plenas do verbo estar, quando se sabe que, no colóquio informal brasileiro (e português também, diga-se de passagem), o que realmente se diz e se ouve são formas como tô, tá, tão, tava, tive etc. (BAGNO, 2017, p. 174).

Os quadrinhos são considerados por Valdecir Santos (2014) como obras literárias capazes de proporcionar uma leitura prazerosa e, nela, o leitor pode exercer suas habilidades interpretativas visuais e verbais. O autor ressalta que, após os anos 1960 no Brasil, os quadrinhos foram reconhecidos como poderoso meio de comunicação; nos anos 1980 começaram a ser utilizados em sala de aula em momentos reservados para leitura e nos anos 1990 começaram a aparecer em livros didáticos em diversas disciplinas. Isto posto, as obras quadrinizadas foram consideradas pelo autor como facilitadoras e ampliadoras do conhecimento. Por isso quando usadas em um contexto educacional permitem a educadoras e educadores uma infinidade de propostas pedagógicas e desenvolvimento do senso crítico por parte dos educandos.

Apesar das adversidades e a ojeriza por parte do governo federal, levar *Aya de Yopougon* para uma sala de aula pode trazer resultados positivos como atestaram João Vicente e Maria Reis (2016). Ao estudarem os quadrinhos como literatura, seu potencial educativo e seu uso em sala de aula para fins da aplicação da Lei n° 10.639/2003, o autor e a autora constataram que a obra valoriza o multiculturalismo crítico e a pluralidade cultural, além de possuir uma temática completamente diversa dos produtos de massa como heróis.

Ademais, a obra estudada pode promover, também, a discussão sobre a afirmação identitária negra a partir das personagens do quadrinho. Essas discussões se mostram emergentes em nossa sociedade ainda machista, patriarcal e racista. Como destacou Clézio Santos (2014) é emergente de uma educação emancipatória, crítica e coletiva. Para isso, as histórias em quadrinhos podem servir de auxílio, dado que existem poucos livros didáticos gratuitos aos estudantes e escolas que trabalhem a história e cultura africana e afro-brasileira, apesar da Lei n° 10.639/2003.

Diante de tanta riqueza na obra, decidimos fazer uma Proposta de Catálogo Referencial (Quadro 1) contendo uma sinopse de *Aya de Yopougon*, possibilidades de mediação da leitura - pensando em um ambiente escolar -, também assinalamos outras obras quadrinizadas e referenciais teóricos que podem fomentar a pesquisa na área dos quadrinhos.

Quadro 1: Proposta de catálogo referencial

<p><b>Sinopse:</b>  <i>Aya de Yopougon</i> é um romance gráfico que se passa na Costa do Marfim na década de 1970. As divertidas situações que servem de enredo e envolvem a protagonista Aya, suas amigas Adjoua e Bintou mostram o desejo de viverem livres e donas de suas escolhas cada uma a sua maneira. Na Costa do Marfim retratada por Marguerite Abouet não se ouve falar em guerra ou fome.</p>
<p><b>Possibilidades de mediação da leitura:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Fazer um levantamento prévio com a turma sobre os conhecimentos precedentes em relação ao continente africano e especialmente sobre a Costa do Marfim;</li> <li>- Escolher qual dos seis tomos ou se os seis serão utilizados;</li> <li>- Ler a obra com a turma em forma dinâmica, recomendar a leitura em casa ou ainda em forma dramatizada, em grupos nos quais cada participante se encarregue das falas de uma das personagens.</li> </ul>
<p><b>Indicações de outras produções:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- D'SALETE, Marcelo. <i>Angola Janga</i>: uma história de palmares. São Paulo: Veneta, 2017.</li> <li>- BRAGA, Amaro; JAIMES, Danielle; CIRNE, Roberta. <i>Afro HQ</i>: história e cultura afro-brasileira e Africana em Quadrinhos. 2010.</li> <li>- CALÇA, Rafael; COSTA, Jeferson. <i>Jeremias</i>: Pele. São Paulo: Panini, 2018.</li> </ul>
<p><b>Referências teóricas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. “O Perigo de uma História única”. In: TED Global 2009, Oxford. Disponível em: <a href="http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html">http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html</a>. Acesso em: 15/04/2019.</li> <li>- BAGNO, Marcos. Oralidade inverossímil e romance gráfico: a tradução brasileira de <i>Aya de Yopougon</i>. <i>Translatio</i>. Porto Alegre, n. 13, p. 163-184. jun 2017.</li> <li>- CAGNIN, Antonio Luís. <i>Os quadrinhos</i>. São Paulo: Ática, 1975.</li> <li>- CIRNE, Moacy. <i>Uma introdução política aos quadrinhos</i>. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.</li> <li>- REBLIN, Iuri Andréas; RODRIGUES, Márcio dos Santos (Orgs.). <i>Arte sequencial em perspectiva multidisciplinar</i> [recurso eletrônico]. Leopoldina: ASPAS, 2015.</li> </ul>

- SANTOS, Roberto Elísio dos. *Leitura semiológica dos quadrinhos*. Imes. São Paulo, jan/jun 2002.

Fonte: Cerqueira (2019)

Outras possibilidades de investigação em *Aya de Yopougon* seriam os provérbios usados com frequência na obra para ilustrar e até mesmo explicar situações desde mais complexas até as mais recorrentes; ademais, a obra ainda permite investigar o diálogo entre as religiões presentes e seus reflexos na sociedade, visto que há personagens que consultam os antepassados, fazem previsões do futuro e frequentam igrejas protestantes.

Em suma, os resultados apontam que obras com o potencial discursivo, iconográfico e multicultural como *Aya de Yopougon* podem ser usadas de forma profícua e eficaz em ambientes de ensino/aprendizagem. Além disso, é um excelente *corpus* de pesquisa ainda longe de ser esgotado, reflexo da singularidade historiográfica da obra e da necessidade de quebra de tabus na sociedade ainda preconceituosa em que vivemos.

538

## Referências

ABOUEY, Marguerite. *Aya de Yopougon*. v. 1. Ilustração de Clémen Oubrierie. Paris: Gallimard, 2005.

\_\_\_\_\_. *Aya de Yopougon*. v. 2. Ilustração de Clémen Oubrierie. Paris: Gallimard, 2006.

\_\_\_\_\_. *Aya de Yopougon*. v. 3. Ilustração de Clémen Oubrierie. Paris: Gallimard, 2007.

\_\_\_\_\_. *Aya de Yopougon*. v. 4. Ilustração de Clémen Oubrierie. Paris: Gallimard, 2008.

\_\_\_\_\_. *Aya de Yopougon*. v. 6. Ilustração de Clémen Oubrierie. Paris: Gallimard, 2010.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O Perigo de uma História única*. In: TED Global 2009, Oxford. Disponível em:

[http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html). Acesso em: 15/04/2019.

BÂ, Mariama. *Une si longue lettre*. Senegal: Le Serpent à Plumes, 1979.

BAGNO, Marcos. Oralidade inverossímil e romance gráfico: a tradução brasileira de *Aya de Yopougon*. *Translatio*. Porto Alegre, n. 13, p. 163-184. jun 2017.

CAGNIN, Antonio Luís. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque; SILVA, Gledson de Jesus; SANTOS, Alan S.. Identidade e diferença nas histórias em quadrinhos: construção do discurso multicultural. In: REBLIN, Iuri Andréas; RODRIGUES, Márcio dos Santos (Orgs.). *Arte sequencial em perspectiva multidisciplinar* [recurso eletrônico]. Leopoldina: ASPAS, 2015, p. 23-40.

CERQUEIRA, Suzy Loren de Azevedo. *A representação da África na obra literária Aya de Yopougon, de Marguerite Abouet*. Relatório de Iniciação Científica. Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

CIRNE, Moacy. *Uma introdução política aos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010 (Coleção Consciência em Debate).

539

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva (Debates, 19), 1979.

FANON, Frantz. *Pele negra Máscaras brancas*: EDUFBA, Salvador, 2008.

MARTINS, Júlio Nunes Sandes. *Aya de Yopougon e a historiografia africanista das mulheres*: diálogos entre leituras heterogêneas. In: Fórum Nacional de pesquisadores em arte sequencial, 1., Leopoldina, Anais, 2012, p. 49-60.

SANTOS, Clézio dos. A geografia no Ensino Médio e o uso das Histórias em quadrinhos na Questão Étnico-Racial. *Revista GeoPantanal*, Corumbá, n. 17, p. 161-173. jul/dez 2014.

SANTOS, Roberto Elísio dos. *Leitura semiológica dos quadrinhos*. Imes. São Paulo, jan/jun 2002.

SANTOS, Valdecir de Lima. *Com que cor se pinta o negro nas histórias em quadrinhos*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2014.

SARAGLOS, Fred Paltani. *Le roman graphique, une bande dessinée prescriptrice de légitimation culturelle*. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Lyon, Lyon, 2011.

VICENTE, João; REIS, Maria da Glória Magalhães dos. *Leituras sobre a África: Aya de Yopougon de Marguerite Abouet no ensino da leitura e da cultura africana no ensino fundamental - EJA*. Revista Letras Raras, Paraíba, v. 5, n. 2, p. 27-47, 2016.

Recebido em: 31 de julho de 2019.  
Aprovado em: 07 de novembro de 2019.

540

---